

Ser professor em tempos de cultura digital: marcas de permanência e indícios de mudança

Being a teacher in digital culture times: permanence marks and change evidence

Ser maestro en tiempos de cultura digital: marcas de permanencia e indicios de cambio

Luciana Silva dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem origem na pesquisa realizada no âmbito de Mestrado em Educação, concluída no início de 2013. Teve como objetivo central identificar e discutir elementos do imaginário tecnológico partilhado por professores, tendo em vista analisar como este atravessa as práticas pedagógicas e as relações que os docentes estabelecem com os alunos, no contexto da cultura digital. A partir desse escopo mais geral e tendo por base as teorias da cultura digital e do mito da digitalização, pretendeu-se abordar a percepção que professores têm da atividade docente diante das supostas mudanças pelas quais vem passando a profissão, em tempos de massificação do acesso às tecnologias digitais. A pesquisa, de caráter qualitativo, teve por base a realização de entrevistas individuais semiestruturadas, seguindo a lógica do sistema de rede para a seleção dos entrevistados. Para tanto, foram entrevistados quinze professores de Ensino Médio atuantes, em sua maioria, em escolas estaduais de formação docente, situadas na cidade do Estado do Rio de Janeiro. Os resultados indicam que o imaginário tecnológico vivenciado por estes profissionais apresenta aspectos do mito da cultura digital, no interior do qual prevalece a impressão de que há um maior afastamento entre gerações e a concepção de que os jovens são experts no uso de tecnologias, frente a adultos pouco qualificados nesse âmbito.

**Palavras-chave:** Professores. Cultura digital. Funções docentes. Mediação pedagógica.

**Abstract:** This paper consists of part of a research of masters in Education, completed in early 2013. It aimed at pointing out and discussing elements of the “technological imaginary” experienced by teachers and analyze its implications on teaching practices and on the relationships that teachers establish with the students in a digital culture. From this most general scope and based on the “Digital Culture” and “the myth of digital culture” theories, it also attempts to grasp the teachers’ conception of how their profession supposedly has been changing in face of a massification of the access to technology and digital Medias. The empirical research consisted of semi-structured interviews, following the logic of the network system for the selection of interviewers. Fifteen high school teachers were interviewed in Rio de Janeiro, mostly from State Schools where high school students are granted a license to be a Junior School teacher. Results suggest that the “Technological Imaginary” shared by these professionals includes the myth of digital culture, which in turn implies a belief that there is a greater distance between

<sup>1</sup> Pedagoga e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia da PUC-Rio/GRUPEM. Atuou como orientadora educacional no CAp/UFRJ. Atualmente, é professora do curso de Pedagogia da Faculdade Cenecista da Ilha do Governador (FACIG). lucinedu@gmail.com

generations in the context of a digital culture and that the young people are experts in the use of new media technologies, whereas adults have little understanding of them.

**Keywords:** Teachers. Digital Culture. Teaching roles. Mediation teaching.

**Resumen:** Este artículo se deriva de la investigación llevada a cabo en la Maestría en Educación, terminado a principios de 2013. Tuvo como objetivo central identificar y discutir elementos de la visión tecnológica compartida por los profesores con el fin de analizar cómo esta cruza las prácticas pedagógicas y las relaciones que establecen los maestros con los estudiantes en el contexto de la cultura digital. A partir de este ámbito más general y basado en las teorías de la cultura digital y el mito de la digitalización, hemos tratado de abordar la percepción que los profesores tienen sobre la actividad docente delante de los supuestos cambios que la profesión ha experimentado en los tiempos de acceso masivo a las tecnologías digitales. La investigación de carácter cualitativa se basó en la realización de entrevistas semiestructuradas, siguiendo la lógica de sistema de red para la selección de los entrevistados. Para ello, entrevistamos a quince profesores que actúan en la educación secundaria, en su mayoría en las escuelas públicas de formación del profesorado, que se encuentran en la ciudad del Estado de Río de Janeiro. Los resultados indican que la visión tecnológica experimentada por estos profesionales presenta aspectos del mito de la cultura digital, en el que prevalece la impresión de que hay una brecha más amplia entre las generaciones y la idea de que los jóvenes son expertos en el uso de las tecnologías, en comparación con los adultos poco cualificados en este contexto.

**Palabras-clave:** Profesores. La cultura digital. Obligaciones docentes. La mediación pedagógica.

## Introdução

As reflexões deste artigo foram fomentadas pela curiosidade em saber como o professor está se relacionando com as tecnologias com as quais os alunos têm tanta familiaridade. A discussão aqui trazida, como parte do que foi elaborado ao longo do mestrado em Educação, teve início com a pesquisa “Juventude e Mídia: fatores escolares e sociais”, desenvolvida entre 2009 e 2011. Esse estudo envolveu três grupos de pesquisa: GRUPEM - Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia e LAEd - Laboratório de Avaliação da Educação, ambos da PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; e Coordenação de Educação em Ciências do MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins.

A investigação abrangeu uma amostra de 39 escolas da rede pública municipal do Rio de Janeiro e um conjunto de 3705 estudantes e 127 docentes (de turmas do nono ano do Ensino Fundamental), cujos objetivos consistiram em: identificar modos de uso de mídia pelos alunos e seus professores e as habilidades desenvolvidas face aos diferentes ambientes de utilização; perceber correlações entre habilidades no uso de tecnologias digitais e motivação

para os estudos entre os estudantes e investigar fatores escolares ligados à promoção de motivação para o aprendizado e a correlação destes com a probabilidade de desfechos educacionais favoráveis à continuação da escolaridade.

Contudo, este estudo enfocava a relação entre professores e alunos no contexto das tecnologias digitais. Entretanto, alguns questionamentos levantados no relatório “Juventude e Mídia” sobre os docentes – os usos que estes fazem em seu cotidiano das diferentes mídias a que têm acesso; as habilidades que desenvolveram ao utilizar as mesmas; as práticas que aplicam em sala de aula com vistas a motivar os alunos para o estudo, com e sem o recurso de mídias (no caso deste trabalho, o debate é, exclusivamente, sobre as práticas pedagógicas com mídias) – acabaram por figurar como pano de fundo na continuidade dos meus estudos.

A opção pela figura do professor se deu quando, durante o desenvolvimento da pesquisa “Juventude e Mídia”, pode-se perceber o uso intenso que aqueles docentes vinham fazendo de tecnologias no cotidiano. Em contrapartida, quando em contexto escolar, essa utilização recuava significativamente. Mediante a isto, no que tange ao escopo deste trabalho, buscou-se identificar insumos do imaginário tecnológico experimentado entre os professores entrevistados (quinze docentes de Ensino Médio). No geral, este imaginário oscilou entre ser amistoso em relação às tecnologias ou ser tributário do mito, que coloca os estudantes num patamar de especialização tecnológica mais elevado em comparação aos docentes, o que contribuiria para o não uso das tecnologias em sala de aula.

Acredito também que esse imaginário tecnológico pode ser o quadro referencial com o qual os docentes percebem a função pedagógica nos tempos atuais, no que diz respeito a forte presença das tecnologias no cotidiano dos jovens estudantes. Sendo assim, busquei tratar do lugar reservado à figura deste profissional em meio ao que se convencionou chamar “cultura digital”. Como desdobramento deste percurso, uma questão teve destaque: o que mudaria na atuação pedagógica, no ponto de vista do docente, com o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação? Esse e outros questionamentos têm em comum o foco nas impressões dos professores e essa é uma marca do trabalho que segue, no qual pretendi olhar para o universo pedagógico via olhar dos docentes. Considero que, antes de políticas serem implementadas e programas de formação (inicial e continuada) serem reformulados para atender as demandas de uma época, são os professores, no âmbito da sala de aula na tessitura do trabalho diário, que melhor podem perceber o que muda ou não na sua função em meio ao fenômeno das tecnologias da informação e da comunicação (TIC).

## Cultura Digital

Para melhor endossar o debate em torno do imaginário tecnológico dos professores, tomo como referência algumas exposições teóricas em torno da cultura digital, seguindo para as especificações do mito que a acompanha. No que diz respeito à vertente da cultura digital, esta inscrita, principalmente, no contexto dos estudos de mídia, cabe ressaltar que o enfoque acerca dessa temática passa por questões de dimensões não-tecnológicas em torno da relação entre os sujeitos e as tecnologias. Uma vez que a cultura é constituída por relações entre os sujeitos sociais que, incompletos e inacabados, só se completam e acabam através da cultura (GEERTZ, 1989), essa última questão se torna central para pensar o conceito de cultura digital. Ou seja, cabe ponderar que, neste trabalho, as menções feitas à cultura digital têm como foco as práticas, relações sociais, percepções e significados inscritos neste fenômeno e, não somente, seu aspecto tecnológico.

Desta maneira, apresento a seguir o conceito de cultura digital que será adotado neste trabalho, consciente de que há diferentes maneiras de descrever e compreender o fenômeno; e de que, antes de qualquer tentativa de significação, o advento das tecnologias é irrefutável enquanto materialidade presente no mundo atual.

### Contornos para definição da cultura digital

Segundo Felinto (2006), a cultura digital diz respeito ao domínio da experiência atual em que o construto tecnológico passa a ser entendido como o elemento central característico das relações sociais, das dimensões racionais e materiais da vida, das sensações e julgamentos estéticos. Dito de outro modo, “mais que uma tecnocultura, a cibercultura representa um momento em que as tecnologias – especialmente as tecnologias de comunicação – se colocam como questão essencial para toda a sociedade e em todos os seus aspectos, dentro e fora da academia” (FELINTO, 2006, p. 99).

Lévy (2010) crítica a metáfora do suposto impacto das tecnologias na sociedade. Para o autor, essa metáfora parece sugerir que as técnicas têm origem a despeito do ser humano, quando, na verdade, elas “são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal” (LÉVY, 2010, p. 21). Desta forma, a técnica nasce no interior da cultura, condicionando a sociedade. Lévy pontua que analisar a técnica como um condicionante do

contexto social diz respeito a considerar alternativas culturais ou sociais não possíveis sem a efetividade de certas técnicas. Tendo em vista a interação entre técnica, sociedade e cultura, o autor se debruça sobre o advento da cibercultura no contexto contemporâneo.

De acordo com o autor, a cibercultura trata da ambiência de “técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17). Este que, por sua vez, tem a ver com a rede de computadores que agrega em seu contexto as informações e os sujeitos que transitam nesse espaço, alimentando-o e fazendo uso de suas benesses.

Para Lemos (2008), desde o século XIX, com o surgimento dos *media* de massa, um novo marco social e comunitário – qualificado por novas vinculações, através da ampliação de espaços de informação e comunicação a um nível planetário, a partir das “formas técnicas de alterar o espaço-tempo” (LEMOS, 2008, p. 68) - veio à tona. Estes artefatos (telégrafo, rádio, telefone, cinema) já anunciavam a utopia de intervenção humana à distância. Entretanto, esta intervenção somente se efetivou plenamente com a composição do ciberespaço, onde ela assumiu dimensões inauditas.

Nesta atmosfera de transformações, da passagem das mídias de massa às mais recentes tecnologias digitais e redes telemáticas (características de meados do século XX e período em andamento), instituiu-se a cibercultura. Segundo o autor, este fenômeno extinguiu a homogeneidade do espaço e a linearidade do tempo, categorias caras à modernidade ocidental. Portanto, a cultura digital comporia uma espécie de desenho sociotécnico, no qual os indivíduos interagem intensa e amplamente através dos meios digitais, propiciando a circulação de informações sob os mais diferentes aspectos e sustentando a formação dos agrupamentos sociais. Nesta esfera, os jovens seriam os mais beneficiados, uma vez que, “o ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e *home pages*, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema” (LEMOS, 2008, p. 87).

## SOCIOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Antes de discutir sobre as especificidades do mito que envolve a cultura digital, é interessante recorrer à definição de imaginário, universo que guarda os sonhos, fantasias, utopias, desejos, mitos. A sociologia do imaginário não trata deste como um objeto de contornos específicos, ao contrário, o imaginário seria uma perspectiva sobre o social e, neste sentido, atravessaria as diferentes atividades humanas. Defende-se que, por mais assépticas que estas atividades se pretendam, há sempre uma potencialidade latente para o mito. Não há civilização sem imaginário; este é coletivo e, por isso, ganha dimensões históricas, culturais e sociais, tornando-se possível, para alguns autores, falar de uma Sociologia do imaginário (LEGROS et al., 2007).

De acordo com esta aceção, é possível defender a tese de que somos constituídos também de imaginário e, por isso, é interessante nos debruçarmos sobre esse aspecto de nossa existência. No caso do imaginário tecnológico, pode-se considerar que este guardaria o mito da digitalização. Para Felinto (2006), este último, por sua vez, vem conduzindo o projeto tecnocientífico contemporâneo aos patamares dos princípios religiosos, no que tange as promessas das tecnologias. Ou seja, a denominada cultura digital e suas narrativas explicativas estão preenchidas de mitologias sobre as consequências da tecnologia como instrumento de aperfeiçoamento humano. É como se a atual cultura tecnológica efetivasse as utopias religiosas ao vincular o homem a uma divindade, neste caso, a máquina.

Diante disto, partilho da ideia, formulada por Felinto (2006), de que o imaginário tecnológico contemporâneo apresenta elementos de credos religiosos de origem cristã ou, mesmo, de religiões um pouco anteriores à consolidação da nossa cultura cristã. Estes elementos tocariam em nossas concepções sobre o corpo, a condição humana, sociedade e mundo. Por isso, poderíamos falar em um imaginário religioso da tecnocultura; no mito da cultura digital.

### **Mito da cultura digital: o retorno do transcendente?**

A cultura digital é um advento que, sem dúvida alguma, trouxe alterações significativas para o modo como percebemos, relacionamo-nos e nos comunicamos. A despeito de reconhecermos as evidências e dimensões assumidas por este fenômeno na sociedade corrente, como argumentam Duarte, Barros e Migliora (2011), cabe refletir sobre as razões

pelas quais se confere a ele, hoje, características que nunca haviam sido associadas a nenhuma outra cultura anterior, como a cultura oral, a cultura escrita e a cultura visual, por exemplo.

Com o estabelecimento da modernidade, tentou-se uma separação entre ciência e religião. Entretanto, como afirma Rüdiger (2002), há hoje vários sinais de que estamos começando a assistir ao fim dessa época. O autor defende que, quando o projeto moderno deixou de conter as respostas para o quadro ideológico a que se propôs sustentar, a objetividade pretendida pela ciência moderna, onde se acreditava que o homem ultrapassaria a epistemologia medieval, passou a ser ameaçada, possibilitando o regresso do transcendente, mais especificamente no interior do racionalismo tecnológico. Nesse contexto, aquilo que vem ocorrendo em relação às TIC – a ubiquidade com que elas nos envolvem no cotidiano, a recorrência destes artefatos nos processos comunicativos, o modo como nos relacionamos com as tecnologias e, portanto, a partir delas, entre nós e com o mundo – pode ser analisado e criticado por meio de definições que, antes da sedimentação do pensamento moderno, tentavam responder as principais questões em torno da autorreferência humana. Para Rüdiger, no que tange à seara digital, paradoxalmente, parece estar havendo “um retorno aos impulsos mais místicos da Idade Média” (2002, p. 8).

Muito do imaginário que busca comunicar o fenômeno das tecnologias digitais traz princípios religiosos associados aos aspectos científicos; traz uma combinação entre os discursos teológicos e a gramática tecnológica. Isso permite supor a existência de uma espécie de mito que cerca a cultura digital, no qual se observa o retorno àquela acepção transcendental, no que diz respeito ao corpo, à tentativa de superação da condição humana e aos postulados de um novo mundo. Pode-se falar em uma espiritualidade contemporânea fortemente tecnológica (FELINTO, 2006) ou em uma tecnocientificidade expressivamente religiosa.

Nesta perspectiva, Felinto aponta as noções de tecnognose ou tecnohermetismo como alternativas para o entendimento dessa espécie de religiosidade tecnológica. A Gnose e o Hermetismo (um dos seguimentos da gnose clássica) são religiões provenientes do Oriente durante o Império Romano, popularizadas nos primeiros séculos depois de Cristo. Nas duas orientações religiosas, é significativo o desejo de imortalidade e transcendência. Assim, “o real histórico e a materialidade representam um peso do qual esse imaginário gnóstico almeja incessantemente libertar-se para flutuar livremente nos sonhos ascensionais da utopia digital” (FELINTO, 2006, p.53).

No imaginário da cultura digital tem ocorrido o regresso aos ideais das imaginações míticas, nas quais mais do que as pretensões modernas de progresso, o sentido escatológico do homem seria a subversão plena da materialidade humana. Diante disto, “os sonhos religiosos de apagamento da materialidade corporal retornam assim, em versão tecnológica, no contexto de uma cultura secularizada, mas que parece ansiar por uma volta do sagrado e do sentido” (FELINTO, 2006, p. 54). Acredita-se assistir a uma espetacular evolução da humanidade, onde as promessas de origem gnóstica ou hermética estão se efetivando.

Como desdobramento das promessas do mito da cultura digital para o corpo humano, a transposição dos limites impostos pela carne condicionaria, por sua vez, a formulação de um novo mundo. Esse é outro preceito do mito, que precisa ser discutido - a composição de uma realidade nova trazida pela cultura digital que, para se efetivar, precisa romper com o passado; a realidade digital. Assim, no imaginário tecnológico, almeja-se que sujeitos sociais perfeitos porque descarnados, constituam uma civilização sem máculas (RÜDIGER, 2002).

Se, por um lado, viu-se o regresso do transcendente, presente em muitas passagens da retórica tecnológica, por outro, pode-se citar a questão da novidade que fomenta o mito. O culto ao novo que se faz no interior da cultura digital, formulando um imaginário religioso, é um dos pilares de sustentação do mito. Desta forma, “ao tentar eliminar a história, a cibercultura reforçaria a noção de uma realidade da ordem do divino” (FELINTO, 2011, p. 45). O que não tem história e é, portanto, inteiramente novo; aquilo com que não sabemos lidar por não haver precedentes toca fortemente nosso ideário mítico, que inclui a crença em um mundo radicalmente novo, possível a partir da evolução digital. Se o projeto moderno de progresso falhou, Felinto afirma que isto endossaria a crença religiosa nas promessas da tecnociência. No que diz respeito à condição humana, alcançar-se-ia um estado do ser ideal, livre das sujeições (modernas) de tempo e espaço.

O novo é uma das estruturas mais significativas do mito da cultura digital, transversal a todos os outros preceitos tecnorreligiosos (o do corpo, o da condição humana, o de mundo ideal), alimentando-os e, por eles, sendo alimentado. Sua precedência no interior da narrativa mítica da digitalização pode apresentar certas problemáticas para a questão da relação entre gerações, socialização e, conseqüentemente, para a educação. Pode-se considerar que as gerações anteriores estão sendo “desautorizadas” a “conduzir” no mundo as gerações recém-chegadas. Uma vez que uma realidade não tem antecedentes por ser entendida como radicalmente nova, ela não terá, conseqüentemente, sujeitos preparados (socializados) para



dar continuidade ao processo de socialização em relação às gerações mais novas. Estas estão sendo concebidas como estando, de forma inata, à frente dos seus ascendentes na era digital, como se já estivessem preparadas para viver no mundo, simplesmente, por chegarem depois.

Nos limites da realidade digital, a suposta desautorização pela qual vêm passando as gerações mais velhas ganha contornos mais visíveis, condição que se reflete também no contexto escolar. Muito se fala de certa distinção em relação ao envolvimento com as mídias digitais que coloca de um lado os jovens, sujeitos da denominada *geração pós-internet* (LARA & QUARTIERO, 2011) e, de outro, os nascidos antes da ampla difusão das TIC, grupo onde se encontra hoje a maior parte dos docentes.

### Professores e tecnologias

Já há algum tempo, a inserção das tecnologias na escola angariou espaço significativo nos debates políticos. No contexto dessas discussões, o docente vem sendo alocado como protagonista de inúmeras iniciativas de formação para a utilização das tecnologias em sala de aula. Entretanto, grande parte desses projetos desenvolvidos no Brasil avançam na questão do acesso e da utilização das tecnologias na seara escolar, mas ainda não priorizam a dimensão do debate acerca dos objetivos e ganhos com a relação entre os aparatos tecnológicos e a educação.

Segundo Pretto (2005), a aproximação entre a escola e as tecnologias precisa ser repensada a fim de que se desconstrua a proeminência instrumental das mídias no imaginário dos docentes. A questão não é mais defender a presença das TIC na contemporaneidade, fato que é incontestável, mas na medida em que se trata da inserção desses aparatos na escola e que o docente é exposto no centro dessa problemática, no tocante ao incentivo de práticas pedagógicas com utilização de tecnologias, cabe discorrer sobre qual modelo de capacitação tem sido direcionado a esses professores. Segundo Barreto (2009), um dos motes dessas formações tem sido o uso eficaz das tecnologias, sem o questionamento acerca da qualidade dos aparatos tecnológicos, das estruturas em que ocorrem tais práticas, das formas de apropriação. Para a autora, faz-se necessário, sobretudo, repensar as práticas docentes na sua relação com as tecnologias. Para tanto, situações de debate precisam ser defendidas para se redefinir, inclusive, a pertinência das tecnologias para a educação, uma vez que alguns

discursos políticos apontam as TIC como importantes recursos de redimensionamento da escola e da atuação pedagógica.

O fato de os professores serem concebidos como o cerne dessas iniciativas de capacitação para a inclusão das TIC na escola leva a questionamentos sobre o imaginário tecnológico que carregam. Além de programas de formação e da própria estrutura da escola, acredito que o imaginário exerce influência no uso das tecnologias em sala de aula. Se as iniciativas de capacitação, no geral, não estão prevendo espaços de discussão, compete ouvir esse docente para se colocar em pauta suas concepções pessoais acerca das tecnologias e a importância de problematizações da relação entre as TIC e as práticas pedagógicas. Cabe gerar oportunidades para que os professores falem sobre a situação corrente de sua prática e as próprias expectativas de mudanças do perfil profissional devido ao advento das tecnologias. Por isso, a perspectiva deste trabalho é captar o imaginário tecnológico pelo viés do docente, por meio do que ele diz.

### Os sujeitos da pesquisa

Para a delimitação dos sujeitos desse trabalho, foram entrevistados quinze docentes de nível médio, dentre os quais onze atuavam em escolas normais, pois estes se relacionam com estudantes cuja faixa etária, os jovens, é tangenciada por essa pesquisa. Considerando que estes professores estão em contato sistemático com alunos da chamada *geração pós-internet* (LARA & QUARTIERO, 2011), sendo preparados para a função docente, a meu ver, eles estariam num contexto privilegiado do debate que pretendia realizar sobre as TIC e a atuação pedagógica. Uma vez que são formadores de jovens professores na era digital, estes profissionais entrevistados podem estar mais expostos no cerne da discussão sobre o perfil docente nos tempos atuais.

### Tecnologias e cultura digital – o que dizem alguns docentes

Num contexto onde os sujeitos interagem amplamente com as tecnologias digitais, o trânsito das informações aumentou e isto foi uma das características pontuadas pelos docentes ao falar de cultura digital, quesito no qual eles não distinguiram adultos e jovens (exceto no que se refere às finalidades com se recorre as informações – adultos para trabalho, jovens para se divertir).

Por outro lado, quando a cultura digital foi associada à linguagem (uma vez que toda e qualquer cultura tem a ver com linguagem, essa questão foi significativamente lembrada pelos entrevistados), a distinção entre gerações se revelou mais incisiva.

Neste sentido, segundo os entrevistados, essa linguagem atual seria um terreno ainda por se conhecer, em que certas barreiras precisam ser rompidas, principalmente, pelas gerações mais velhas: “Olha, eu acho que a gente não tem como fugir. É o que está... sei lá, a gente tem que se adaptar. Os adultos, os mais velhos” (Professora Sônia). Quanto ao jovem: “é diferente do menino que já... ele é inserido nisso desde muito cedo, então pra ele é natural... é uma prática diária. Então... já vai automático...” (Professor Carlos). Para o professor Victor, “de qualquer forma, a gente tem que se inserir nisso, porque a cada geração que vem chegando, as pessoas... sei lá, as crianças às vezes não sabem nem ler direito e já sabem mexer no aparelho, já sabem navegar na internet, buscar...”. Desta maneira, também para a professora Márcia, “a cultura digital é uma nova linguagem que vai existir no mundo de hoje... que os jovens, por exemplo, as crianças que nascem agora, elas já nascem dominando isso... a minha geração tem mais dificuldade”. Diante dessas percepções de dissenso entre gerações no contexto da cultura digital, a fala da professora Ana Cristina parece reveladora de sentimentos de resistência para com as TIC: “isso pra mim é um negócio meio... meio assim, meio assustador. Eu juro pra você. Eu tenho uma dificuldade muito grande com esse mundo... mundo desses meninos aí”.

Pode-se dizer que, para esses entrevistados, a cultura digital seria um estilo de linguagem em cujo espaço os jovens seriam os protagonistas, pelo domínio que apresentam dos signos dessa cultura. Isto parece sugerir um dos apontamentos de Lemos (2008) em torno das tecnologias: de que a cultura tecnológica contemporânea parece ganhar uma roupagem de cultura jovem, o que, a meu ver, pode fomentar indícios do mito da digitalização no que diz respeito à diferenças geracionais.

Arlindo Machado (1997) lembra que, dependendo da maneira como utilizamos os dispositivos digitais, estes podem ser imaginados como uma caixa preta. Acredito que utilizar as tecnologias enquanto linguagem, e não apenas como mais uma ferramenta do contexto digital, implica um nível de intervenção, numa busca por penetrar no interior dessa caixa. Neste sentido, as tecnologias digitais, enquanto linguagem, incluem não somente o contato com os artefatos técnicos, mas também a apropriação mais vasta e aprofundada dos processos tecnológicos (dos quais, de acordo com a maioria dos professores, os estudantes estão se

apropriando) em estreita relação com os processos sociais, devido à possibilidade de maior interação que os meios digitais propiciam e, por vezes, outros caminhos de construção de conteúdo.

A metáfora da caixa preta é interessante para pensar a relação que os entrevistados declararam estabelecer com os instrumentos digitais da comunicação. Parece que estes docentes, em sua maioria, concebem as TIC como caixas pretas. Por sua vez, eles acreditam que os alunos conseguem desvendá-las, descobrir o que tem dentro, ao dominarem os processos tecnológicos e a linguagem específica dos meios digitais da comunicação. Surpreende que, mesmo um professor mais jovem, de 28 anos, já partilhe a ideia do distanciamento entre gerações, idealizando a relação dos seus estudantes com os recursos do computador e se colocando como menos capaz de lidar com as tecnologias digitais:

A gente está alienado do processo, cara. Computador não é uma ferramenta pra você utilizar rede social... é pra você programar, pra você criar a partir daquilo ali... Pouca gente sabe o uso real da ferramenta. Você sabe construir uma linguagem lógica no computador? no *Excel*, por exemplo... fazer planilha de conta na escola? podia fazer... é fácil, mas a gente não sabe. Quer dizer... a gente não está acompanhando o processo... eles sabem. Qualquer moleque desses aí de quatorze anos sabe programar qualquer coisa de computador... sabe programar em *Flash*, sabe editar um vídeo no *Movie Maker*... sozinho ele vai lá... eu já ia ficar desesperado pra fazer um curso... ia procurar alguém... eu conheço um monte de aluno aqui que faz coisas no *Photoshop* que eu nem imagino o que seja... e ele não aprendeu com ninguém... você entende? O uso que ele tem da ferramenta é muito mais amplo do que o meu uso. Então ele está muito mais capaz de estabelecer uma relação cognitiva com essa ferramenta do que eu (Professor Valdir).

Alguns professores declaravam certa resistência aos aparatos tecnológicos, principalmente no contexto escolar, justificada pela relação mais afastada da geração a que pertencem com as TIC. Eles classificaram os estudantes como usuários mais especializados das tecnologias, por conta de a nova geração já ter nascido cercada por estes instrumentos. Nesta percepção revelada pelos docentes, que identifico como um dos indicativos do mito da cultura digital, os mais jovens vêm sendo vistos como os sujeitos privilegiados, aqueles que melhor podem e vem conseguindo transitar na seara tecnológica. Segundo Livingstone (2011), isto teria a ver com um senso comum em torno da habilidade dos mais jovens com as tecnologias, em que estes teriam tanta facilidade com as interfaces computacionais, que relegariam aos adultos a condição de “dinossauros”.

## Implicações da cultura digital ao trabalho docente

Para alocar as questões que serão tratadas acerca do que os professores pensam sobre mudanças na sua atuação, devido ao contexto de tecnologias, primeiramente, serão pontuadas algumas considerações feitas pelos entrevistados sobre as tecnologias da informação e da comunicação, no sentido das implicações desse fenômeno para o trabalho docente.

Em sua maioria, os professores conceberam as TIC como ferramentas de aprendizagem. Neste sentido, os aparatos tecnológicos foram entendidos como facilitadores da aprendizagem, ao assumir uma qualidade ilustrativa dos conteúdos, como sugere a fala de uma docente de Psicologia:

Eu vejo como um meio... de aprender. Eu acho que facilita. Um filme, eu acho riquíssimo. Eu acho que é difícil você conseguir dar uma mensagem às vezes. E eles gostam à beça dos filmes. Acho que tem que ser... entremear... usar um pouco de tecnologia e usar... também dar aula expositiva:... debates (Professora Sônia).

Outra professora, de Geografia e Sociologia, também destacou a característica ilustrativa das TIC, principalmente para o aluno de Ensino Médio:

como eu te disse, você usa como recurso e eu acho que o aluno... fica mais claro pra ele, porque se não vai estar tão longe da vida dele... ele é um adolescente... é diferente da faculdade, quando você trabalha texto, aí você tem uma outra relação com o conhecimento... então eu acho que essa tecnologia facilita muito nesse sentido... o aprendizado... ele vai aprender com mais facilidade, porque ele vai concretizar aquilo que é só teórico (Professora Márcia Hortência).

Em decorrência de supostamente facilitar a aprendizagem, na concepção destes professores, a cultura digital incidiu na perspectiva do ensino, contribuindo para qualificá-lo, desde quando o docente saiba utilizar as tecnologias com desenvoltura. Isso se deve porque, para muitos entrevistados, as TIC confeririam ao ensino um aspecto lúdico.

Ainda no quesito do ensino, os entrevistados também assinalaram as dificuldades em atrair o estudante para a aula, como nos indica o professor Victor: “como fazer o aluno, que está dentro dessa cultura digital, prestar atenção em algo que não é digital... não sei como chama isso... é analógico também... mas algo que é... como é que você vai fazer um aluno, que mexe com o computador doze horas por dia, olhar pro quadro? “

Entretanto, para esses profissionais, se o estudante de hoje chega mais disperso à sala de aula por conta da relação com as tecnologias, por outro lado, devido ao caráter lúdico das TIC, elas acabaram sendo vistas como importantes auxiliares para seduzir o aluno.

Quase todos os docentes concordaram com a presença das tecnologias em sala de aula, classificadas por muitos como importantes e, por vezes, até fundamentais à educação. Apenas um professor (de História) questionou a presença das TIC na instituição escolar. Para ele, é necessário mais discussão acerca dessa aproximação, até para se evitar que a escola, ao inserir as tecnologias em seu contexto, esteja atendendo a modismos, a tendências do mundo em torno, sem problematizar a aplicação específica desses aparatos à prática pedagógica e sem aferir os reais ganhos com isto.

Por fim, também foram sinalizadas as implicações negativas das tecnologias na função pedagógica. Uma entrevistada ressaltou a sobrecarga de trabalho que as TIC estão conferindo à rotina docente:

então, por exemplo, o Estado, agora... já tem um tempo... a gente que tem que digitalizar as notas... tudo bem... aí você tem o site... você digitaliza:: o aluno pode olhar as notas... por um lado facilita. O pai tem um controle. Tem uma transparência maior... mais ao mesmo tempo que você tem que fazer isso, você também tem que preencher o seu diário. Então, o professor está com um duplo trabalho, o trabalho aumentou... não diminuiu... entende? (Professora Márcia Hortência).

### **A profissão docente na contemporaneidade e marcas de permanência**

Antes de considerar as percepções em torno das supostas mudanças no perfil docente, é necessário, sobretudo, tratar quais são os contornos da profissão na contemporaneidade, na visão destes professores e, nisto, quais são as características que revelaram permanências ao longo do tempo, mesmo levando-se em conta as transformações pelas quais a sociedade passou e as transformações da própria escola. Ressalto aqui que os entrevistados não foram questionados diretamente sobre o perfil da função docente nos tempos correntes, nem sobre as qualidades que denotam permanências na sua atuação. Porém, quando discorriam acerca das mudanças, muitos acabaram por indicar elementos para se pensar como a profissão vem se configurando hoje, para eles, e os indícios de permanência.

A situação precária de trabalho, que se adensou com o decorrer do tempo, atingindo um estágio atual flagrante, apareceu em muitas falas como uma das marcas da função docente, o que impediria, segundo os entrevistados, a formação continuada e, mesmo, uma atuação mais satisfatória. O baixo salário também foi uma questão recorrente e, com este, o acréscimo

de carga horária. Estes dados também foram percebidos entre os professores investigados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.Br (BARBOSA, 2011). O que leva a crer que, para além dos docentes entrevistados para este trabalho, devido à abrangência nacional da pesquisa TIC Educação estas são situações vividas pela maioria dos professores na realidade brasileira.

Outro ponto de consenso entre os entrevistados foi a reclamação pela escassez de tempo. Pode-se dizer que, a carência de tempo é um dos traços significativos da profissão docente. Teixeira (1998) analisa que o professor vive o período de trabalho diluído em outras searas do cotidiano, no tempo passado com a família e no tempo de lazer, sendo este último geralmente utilizado para a formação continuada. Por isso, o período despendido na escola acaba estruturando a rotina mais geral do docente e atravessando a percepção que este tem do seu segmento profissional: cuja profissão é aquela que se define inclusive pela falta de tempo.

Uma das falas foi pontual nesse sentido, em que o tempo acabou sendo envolvido aos demais atributos negativos da função docente, já apontados. Um professor de Física relatou um pouco de sua rotina no início de carreira, marcada por sobrecarga de trabalho, na busca por aumento de retorno financeiro, acarretando na perda de tempo cotidiano de descanso e, conseqüentemente, em maior dificuldade para planejar e executar a formação continuada. Acredito que essas marcas do início da atuação, que se mantém ao longo da vida profissional, acabam por definir, de certa forma, a profissão docente:

aí você começa a dar muita aula... interessante que você começa a ganhar mais ou menos um dinheiro legal, mas você também trabalha muito... aquela loucura que é de professor mesmo... sai de um colégio... vai pra outro, um aqui na Tijuca, outro na Barra, depois no Flamengo... eu ganhava um dinheiro legal, mas não tinha tempo de fazer nada... sempre cansado... você não tem vida normal... porque a vida normal é o cara que chega cinco horas da tarde, vai ficar com a família, vai fazer outras coisas... a gente não tem cinco horas da tarde... porque chega cinco horas da tarde, você está em outro lugar... aí você vai dar aula à noite... vai chegar em casa... onze horas, onze e meia... e a questão de corrigir prova... também leva muito tempo. O meu doutorado só não saiu até hoje por causa disso também, porque é muito cansativo... (Professor Otávio).

Essa questão do tempo também foi identificada pelos entrevistados como um dos empecilhos para o uso das TIC em sala de aula. Apesar da carência de tempo para engajarem-se em formações continuadas para as tecnologias, não raro, os docentes relataram necessitar de mais tempo para o preparo e a execução de uma aula que envolva aparatos tecnológicos, exatamente aquilo que vem faltando no exercício da profissão.

Além de algumas marcas de permanência já mencionadas acima no interior do perfil docente nos tempos correntes, outra questão se destacou: a preocupação quanto à adaptação da linguagem do professor à linguagem do estudante - como o docente se faz entender, ao transpor o conteúdo específico de sua disciplina para o cotidiano da sala de aula. Muitos professores reclamaram que a formação inicial não lhes preparou para a sala de aula. Isto independente da idade, desde os profissionais que já se formaram há muito tempo até os novos docentes, o que, a meu ver, configura uma marca de permanência da profissão. Talvez, o conflito de linguagem ganhe mais notoriedade no contexto das tecnologias, quando ocorre uma inversão na hierarquia: no primeiro caso, quando a linguagem tem a ver com conteúdo curricular, é o professor quem ocupa uma posição superior e deve cuidar em adaptações. Já no caso das TIC, os alunos são concebidos como mais especializados do que os docentes e, assim, mais distantes destes e menos interessados na escola (segundo relatos dos entrevistados). Na abrangência das tecnologias, se a distância entre estudantes e professores parece aumentar, isto incide numa preocupação ainda maior com a adaptação da linguagem por parte dos docentes.

Na contramão dessa distância, foi pontuada a aproximação com o aluno para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Esta necessidade está sendo identificada também como permanência porque, se não existiu sempre, pelo menos com advento da escola nova e com o movimento de protagonismo do estudante, coloca-se como um dos traços do trabalho docente, ao menos em termos de discurso. Foi no contexto da escola renovada que, ainda que outras tendências pedagógicas viessem a beber dessa fonte, a aproximação foi preconizada para a relação professor-aluno, tornando-se o ensino centrado no estudante e no grupo (LUCKESI, 1990). Interessante notar que, se no quesito da linguagem as tecnologias foram vistas como um *lócus* em que alunos e docentes se distanciam ainda mais, no caso do imperativo de aproximação, as TIC estão sendo vistas, como já dito acima, enquanto instrumentos de atração, como parceiras do professor, devido ao caráter lúdico destas.

O perfil de aula tradicional também foi lembrado como uma das marcas da atuação docente que configuram permanência. Dentre as principais características desse tipo de aula estariam o local (a sala de aula) e o material utilizado (quadro negro e giz). De acordo com os entrevistados, um professor que não utiliza as tecnologias está mais vinculado aos aspectos de permanência da profissão, ao modelo antigo de ensino:

tem professor que nem usa. Por quê? ... porque ele está tão amarrado, tão



engessado no modelo antigo... na sua forma... que não consegui se adaptar a essa nova tecnologia... normalmente eles falam... eles alegam assim -- ah, isso é muito moderno pra minha cabeça... eu não estou acostumado com isso... eu sou do tempo antigo... meu negócio e cuspe e giz... e quadro negro -- eu mesmo estou tendo uma dificuldade muito grande pra me adaptar a essa nova realidade, porque eu tenho uma relação de quando eu era aluno, de quadro negro e giz... os professores todos davam aula assim... até na faculdade... quando eu me formei professor... eu peguei muito isso (Professor Durval).

Ao lado de algumas exposições negativas sobre a profissão docente, uma perspectiva mais otimista também foi defendida, cujas características seriam: a corresponsabilidade pela transformação da sociedade; o prazer vivenciado no exercício desta função; a necessidade de se estabelecer boas relações com o mundo em torno e com as novas gerações; o aspecto dialógico da atuação e a disposição para a aprendizagem permanente.

### **Mudanças percebidas na atuação docente**

Diante do quadro inicial acerca das implicações da cultura digital ao trabalho docente, ainda que neste possam haver algumas indicações de mudanças na atuação pedagógica, devido ao contexto de tecnologias, aqui serão tratadas as principais propriedades de mudança, definidas enquanto tal pelos próprios professores, quando questionados diretamente sobre o que se alteraria no lugar que ocupam hoje em tempos de propagação do acesso às tecnologias digitais.

Primeiramente, ainda que a maioria dos docentes não tenham discordado da presença das TIC na escola, ressaltando a importância de tais aparatos, no geral, muitos revelaram se sentir cobrados e, mesmo, pressionados a utilizar as tecnologias em sala de aula. Acredito que esta exigência se torna cada vez mais constante e se ainda não modificou as práticas pedagógicas em si, já está sinalizada nos discursos políticos (como visto em alguns programas mencionados neste trabalho) e acaba alterando o que o professor diz ser a profissão docente hoje.

Ao passo que, para muitos, a introdução das TIC poderia transformar o formato da aula tradicional, uma das marcas que mais endossa a questão da mudança na função docente, para estes professores, tem a ver com as informações e não diretamente com a inserção dos instrumentos tecnológicos na sala de aula; tem a ver com o olhar que o docente tem sobre o estudante que chega a sala de aula hoje: um aluno que passa a desafiar o professor e passa a

desafiar, conseqüentemente, a prática pedagógica, por estar em contato maciço com informações.

Desta forma, quando questionados sobre o que mudava, a questão da mediação foi uma qualidade destacada. Deixando o papel do transmissor, de detentor do saber, o docente tem sido entendido como mediador, como facilitador da aprendizagem. Sobre este tema, tem relevo o trecho que segue:

Principalmente em relação ao papel que nós temos hoje que é muito... está muito diferente da época em que eu comecei. Hoje, o profissional é mais um mediador de conhecimento do que propriamente aquele que vai transmitir. Até porque os alunos, hoje, têm acesso à muita coisa. Assim, a enormidades de informações. Então, eu acho que o papel que a gente tem hoje é de fazer essa mediação, de fazer com que o aluno transforme a informação em conhecimento. Mas não simplesmente transmitir informação. Eu sempre tento focar isso na minha linha: trabalhar essa transformação... essa mudança de qualidade da informação que ele recebe, de várias fontes... pra um conhecimento mais apurado, mais crítico sobre a realidade (Professor Derli).

É interessante ressaltar que essa mudança de lugar do docente, do centro do processo de ensino para a mediação da relação dos estudantes com o conhecimento, não se deve exclusivamente ao advento das tecnologias digitais. O professor como mediador é uma figura que vem sendo propalada desde o início do século XX em algumas vertentes pedagógicas. Mas parece que, nos discursos desses profissionais, essa ideia de mediação se adensa devido à existência de tecnologias digitais e devido à densa arena de informações desenhada no contexto atual. Como assinala Lévy (2010, p. 173),

a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, *a mediação relacional e simbólica*, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (grifo meu).

Como desdobramento dessa mediação, dessa nova posição ocupada pelo docente, quando se pensa o caso das tecnologias, surge a questão específica da mediação tecnológica, ou seja, como os entrevistados percebem a intervenção docente na relação entre os estudantes e as tecnologias em prol do conhecimento.

## Mediação tecnológica

Ressalto que as duas noções, de mediação e de mediação tecnológica, estão imbricadas, porque tanto na mediação que o professor desempenha no processo de ensino e aprendizagem, quanto no que chamo de mediação tecnológica, o fim precípua é o conhecimento.

No geral, todos os entrevistados concordaram que se aprende com as tecnologias. Entretanto, nos discursos desses docentes, as tecnologias não foram entendidas como um fim em si mesmo, mas, como algo que, para contribuir de fato com a aprendizagem, na perspectiva da passagem do acesso a informação para a construção de conhecimento, precisa de condução; de *“uma boa condução”* (professor Carlos). Esta forma de condução é o que estou chamando de mediação tecnológica. Nisto, muitos docentes se sentiram implicados:

Então, eu acho que o desafio é desenvolver essa capacidade crítica pra usar esse instrumental; de sempre colocar pra eles que isso não é um fim em si mesmo. Mas é um... é um instrumento que se tem pro conhecimento. Como em outras eras da humanidade se descobriu outros instrumentos. O livro impresso apareceu, também criou esse furor. Então, eu acho que... é ter sempre essa visão crítica, de estimular a leitura linear e em profundidade dos próprios textos. Romper com essa ideia da fragmentação que a internet, muitas vezes, pode provocar... Então, é isso! Sempre colocar essa questão crítica pros alunos (Professor Derli).

Se o jovem que chega à sala de aula hoje, devido ao amplo acesso a informações proporcionado pelas tecnologias, altera o lugar do docente, do centro do ensino para o mediador da aprendizagem, os próprios professores entenderam que essa interação com as TIC é problemática. Desta forma, o estudante, no ponto de vista dos entrevistados, não estaria conseguindo transpor a utilização das tecnologias em aumento do conhecimento, pois apesar do estreito contato com informações, as finalidades com as quais os alunos recorrem às TIC têm sido vistas, pelos docentes, como mais direcionadas ao entretenimento. Por isso, para os entrevistados, caberia a eles intervir na interface estudantes/tecnologias, conduzindo estes a um melhor aproveitamento das informações. Ou seja, se por um lado, o aluno foi classificado como mais especializado tecnologicamente, por outro, no tocante as informações com vias a mediação tecnológica, o professor parece reassumir o centro.

Contudo, parece haver duas perspectivas convivendo entre os professores investigados. Enquanto para alguns, no sentido da mediação tecnológica, as TIC foram concebidas como ferramentas que dependem de mediação para que o aprendizado se efetive,

para outros docentes parece haver uma ideia de que as tecnologias são capazes de alterar as relações cognitivas que estamos estabelecendo, considerações contraditórias a noção de mediação e que parecem não sofrer tanto a influência da idade. Quanto a este quesito, um professor mais novo, de 28 anos, ao se referir a relação dos jovens com as tecnologias, comentou que “a formação e a experiência de mundo que eles fazem pertencem a um outro tipo de construção mental, a um outro tipo de construção cognitiva, a um outro tipo de construção linguística. E eu tenho que me atualizar, obrigatoriamente!” (Professor Valdir).

Nesse mesmo sentido, uma docente de 42 anos declarou:

Você aprende a lidar com várias informações ao mesmo tempo. Acho que seu cérebro fica meio que computadorizado, entendeu? Você... eu acho assim... muda num sentido... muda também porque você ganha tempo para tudo, entendeu? Economiza o seu tempo. Eu acho que você aprende... deixa o seu cérebro mais... é... sei lá... mais desenvolvido... não sei (Professora Cecília).

Segundo um docente de Filosofia, de 51 anos, “os alunos não conseguem mais se ver sem essa tecnologia [...] que é a extensão do universo deles... da estrutura neurológica deles” (Professor Derli). E ainda, uma docente de 49 anos disse:

o meu filho... ele tem esse... esse raciocínio muito rápido. Eu vejo as tiradas dele, até por conta... não só por conta de computador, porque não nasceu na frente de um... mas do acompanhamento junto com a geração dele; todo mundo criado de uma determinada maneira, com informações pela televisão, depois pelo computador. O raciocínio dele voa! Impressionante! (Professora Maria Amélia).

Interessante notar que alguns docentes, de fato, acreditam que devam intervir na relação dos estudantes com as tecnologias em prol da aprendizagem. Entretanto, num outro viés, outros professores, por perceberem os jovens como mais desenvolvidos no contexto da cultura digital e como mais hábeis nos processos tecnológicos, supondo inclusive novas capacidades cognitivas, acabam por recuar na mediação que poderiam exercer. Falas, como as destacadas acima, trazem indícios do mito da cultura digital, no sentido do conflito de gerações. Isto parece indicar que, mesmo que em termos de discurso, alguns professores venham se colocando como mediadores da interação dos alunos com as tecnologias, parece que, quando partilham do mito da digitalização, efetivamente, acabam ficando distantes dessa condição de mediadores tecnológicos com vias ao conhecimento.

Pode-se considerar que estes docentes ainda não tomaram propriamente o lugar de mediadores da relação dos alunos com as tecnologias. Enquanto isso não acontece, de fato, os

dois lados perdem: os estudantes, devido a possibilidade de aprender, e os professores, por conta da oportunidade de se aproximar da realidade do aluno, de tornar o ensino mais interessante e angariar novos aliados para a aprendizagem.

### Considerações finais

Este estudo (desenvolvida no âmbito de mestrado em Educação) surgiu do interesse pela relação entre professores e estudantes no contexto da cultura digital e se definiu quando buscou focar o docente. Num primeiro momento, meu olhar estava na aprendizagem: quais seriam as especificidades desta em tempos de massificação do acesso aos meios digitais da comunicação e de intenso tráfico de informações? Entretanto, compreendi que, para chegar à aprendizagem, precisava passar pelo ensino. E, nesta vertente, o professor saltou como um sujeito essencial de pesquisa, cujas questões giram em torno da inserção das tecnologias na sala de aula. Curiosidades como de que forma o docente vem se aproximando das tecnologias, com as quais os alunos supostamente têm tanta familiaridade, nortearam o desenvolvimento dessa argumentação.

Se o imaginário tecnológico vivenciado pelos professores revelou o mito da digitalização, no que diz respeito ao conflito de gerações, em que o jovem seria uma espécie de superdotado tecnológico, prescindindo dos adultos na relação com as tecnologias, parece que outro mito desde há muito se estabeleceu. Como visto, um dos aspectos principais do mito da cultura digital se refere às homilias de um mundo novo, a ser conquistado através da superação da condição humana. Na essência do mito, as tecnologias seriam a grande promessa para todos os males da humanidade. Esse ponto do mito vem atravessando o âmbito da educação: tanto nas políticas públicas educacionais, como no imaginário desses docentes, às tecnologias tem sido outorgada uma alta capacidade de resolução dos problemas da educação. Quanto aos professores investigados, a postura de dever usar as TIC em sala de aula (ainda que não usem efetivamente) associada a noção de que estas seriam responsáveis por novas capacidades de ordem cognitiva e neurológica (habilidades ainda não comprovadas) são questões, no mínimo, intrigantes.

Enquanto tais crenças se mantêm, caminhamos pouco em direção ao entendimento de como a aprendizagem (foco dos processos educacionais) se qualificaria por meio das TIC. Sem problematizar a relação entre educação e tecnologias, a outra vertente do processo, o

ensino, ainda carece de melhores definições. Quem seria o docente no contexto da cultura digital? Qual seria o perfil desejado para este profissional na contemporaneidade? Não sabemos mesmo o que esperar de nossos professores que podem estar sendo e, segundo relatos dos sujeitos desse estudo, certamente são mais cobrados do que, de fato, preparados para a interlocução tão proclamada entre as TIC e a atuação docente.

Ainda que não saibamos o que esperar de nossos profissionais, os entrevistados não tiveram dificuldades em apontar a maneira como percebem a atividade docente face às supostas mudanças pelas quais vem passando a profissão: em tempos de tecnologias digitais, a condição de mediadores da relação dos estudantes com as tecnologias e, em decorrência disto, com o conhecimento, revelou-se uma das principais marcas de mudança da função docente. Entretanto, esta mudança parece ainda não ter saído dos discursos destes professores para a prática efetiva. Para tanto, eles demandam por uma formação mais apropriada para assumirem a posição de mediadores na seara da cultura digital.

Desta forma, este profissional precisa ser apoiado com iniciativas mais completas de formação para o uso das TIC que, inclusive, considera a escuta desse professor. Acredito que, o que ele pensa sobre as tecnologias e as transformações nessa consciência que espaços de debate podem promover são importantes pilares que sustentam a introdução das TIC nas escolas e, mais propriamente, no desenvolvimento de práticas pedagógicas. Afinal, como reformular estas práticas, a fim de que melhor coadunem com um contexto atual de denso trânsito de informações e saberes?

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de *acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização* que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno (LÉVY, 2010, p. 174, grifos do autor).

Neste sentido, para as tecnologias contribuírem, de fato, para o processo de ensino e aprendizagem, um dos principais atores desse processo, aquele que é o responsável pelo ensino, o docente, precisa estar convencido dessa possibilidade. E nesta interface entre TIC e professores, dois aspectos precisam caminhar juntos: ainda a capacitação técnica, mas, especialmente, a capacitação conceitual. Esta sim, capaz de fortalecer ou mesmo enfraquecer os vieses tomados.

## Referências

BARRETO, Raquel Goulart. **Discurso, Tecnologias, Educação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

DUARTE, Rosalia; BARROS, J. F.; MIGLIORA, R. Sentidos da cultura digital para a educação. In: FONTOURA, Helena Amaral da (Org.). **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. Disponível em:

<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook3.pdf>. Acesso em: 12/12/2012.

\_\_\_\_\_. (Coordenação). **Juventude e Mídia: relatório final**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio, 2012. pp. 60. Disponível em: [www.grupem.pro.br](http://www.grupem.pro.br). Acesso em: 10/02/2013.

FELINTO, Erick. **Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

\_\_\_\_\_. Em busca do tempo perdido: o sequestro da história na cibercultura e os desafios da teoria da mídia. **Revista Matrizes**. Ano 4 – n. 2 – jan./jun. 2011 – São Paulo. Disponível em:

<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/63/94>. Acesso em: 20/05/2012.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Tradução: Fanny Wrobel. São Paulo: LCT, 1989.

LARA, Rafael da Cunha; QUARTIERO, Elisa Maria. Impressões digitais e capital tecnológico: o lugar das TIC na formação inicial de professores. In: **Anais do V Simpósio Nacional da ABCiber**, 2011 – UDESC/UFSC – Florianópolis. 1 edição.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. **Matrizes**. Ano 4 – n. 2, p. 11-42, 2011.

PRETTO, Nelson. **Escola sem/com futuro**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

Recebido em 30 de janeiro de 2014

Aceito em 17 de agosto de 2013